

Uma sessão inicial, nos fins de janeiro, e onze semanais, entre os meses de abril e julho, formaram o programa do Seminário organizado pelo Grupo de Investigação do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ‘Usos do Passado’, coordenado por Sérgio Campos Matos e Covadonga Valdaliso-Casanova. O ponto de partida do encontro foi explorar como se relacionaram e relacionam o presente e o passado próximo, nos tempos pretéritos e no nosso tempo; e também como a memória dos passados imediatos se transformou e transforma em história. Assim, colocaram-se questões como quando o coevo se torna passado, quais foram e quais são as políticas de formação e preservação de memórias, ou que convergências e divergências pode haver entre história e jornalismo, entre outras.

Juan Francisco Fuentes (U. Complutense) analisou os usos da memória nas origens do fascismo espanhol na conferência “Iconografía del primer fascismo español (1933-1945): símbolos, ritos, lugares de memoria”. Nuno Simões Rodrigues (U. Lisboa), o registo de um episódio na Grécia Clássica (“Atenas e o tiranicídio de 514 a.C. Ideologia e representação”). Cristina Pimentel (U. Lisboa), a escrita historiográfica romana através de Tácito (“... *quo requiesceret animus a domesticis malis* [Tácito, Ann. 6.38]: Quando a história não apazigua os seus leitores”). Filipe Alves Moreira (U. Porto), as maneiras de registar o passado próximo no Medievo português (“Historiar o passado recente na baixa Idade Média portuguesa”). Ana Isabel Buescu (U. Nova de Lisboa), a utilização do passado com fins políticos no século XVII (“1640: ‘uma segunda fundação’. Usos do passado no discurso político e na iconografia da Restauração”). José Guedes de Sousa (U. Lisboa), a historiografia no período 1933-1374 (“História e memória disciplinar no Estado Novo”). Estas intervenções, focadas em problemáticas concretas, com cronologias e localizações precisas, alternaram-se com outras mais dirigidas a questões teóricas, como as de Fernando Catroga (U. Coimbra) (“Em torno do passado recente”), Luís Filipe Barreto (U. Lisboa) (“Presente, passado e lógicas do historiar”) e François Hartog (EEHSS) (“Une nouvelle condition historique”).

A assistência regular de investigadores, bem como de numerosos doutorandos, mestrandos e estudantes de licenciatura, e a participação de todos eles nos debates que se seguiram às intervenções – todas elas acompanhadas por um moderador e um comentarista –, fizeram deste extenso Seminário uma única discussão retomada semana a semana durante vários meses. O

propósito de debater, para aprofundar as ideias lançadas pelos conferencistas e construir assim um discurso único a partir dos contributos de múltiplos autores, foi sublinhado nas últimas sessões, sob a forma de três mesas redondas. Na primeira, Silvestre Lacerda (Diretor do ANTT), Luís Farinha (Diretor do Museu do Aljube) e José Neves (U. Nova de Lisboa), expuseram e analisaram as “Políticas de memória recente”. Na segunda, António Ventura (U. Lisboa) e Bruno Cardoso Reis (U. Lisboa) discutiram com os assistentes em torno das “Memórias e História do Estado Novo”. Na última, os historiadores António Costa Pinto (U. Lisboa) e Paulo Silveira e Sousa (U. Nova de Lisboa), e os jornalistas Pedro Caldeira Rodrigues e Frederico Carvalho, refletiram sobre os pontos de encontro entre as suas profissões.

O propósito dos organizadores desta iniciativa, e de outras que pretendem desenvolver no presente ano e nos seguintes, é estimular a reflexão sobre o que a história é, sobre o que significa e implica historiar, e sobre como é construída e lida a historiografia. Explorar os limites que se estabeleceram e estabelecem entre o passado e o presente, ou como são definidos cada um deles, foi apenas o primeiro tópico de uma discussão que se espera prolongar e expandir, com os mesmos participantes e com novos contributos.

COVADONGA VALDALISO-CASANOVA

CH – U. Lisboa / CHSC - U. Coimbra  
covaldaliso@gmail.com